

REVISTA

UNA

COLETIVO DE MULHERES DO SENGE-VR



COLETIVO DE MULHERES
DO SINDICATO DOS ENGENHEIROS
DE VOLTA REDONDA

EDIÇÃO 02
JULHO 2022

ESTAMOS EXAUSTAS!

CRESCE O NÚMERO DE
MULHERES EM
TRABALHOS PRECÁRIOS
OU POR CONTA PRÓPRIA



ELZA SOARES:
ÍCONE DA
MÚSICA
E DA LUTA
DAS
MULHERES

Página 5

CARTA AOS
ESTUDANTES
POR BÁRBARAH HELEN
DOS SANTOS

Página 8



fisenge

FEDERAÇÃO INTERESTADUAL DE
SINDICATOS DE ENGENHEIROS

EDITORIAL

Nos anos 60, acompanhando o surgimento e o processo de industrialização no Brasil, nasce o Sindicato dos Engenheiros de Volta Redonda, o Senge-VR. Seu intuito de promover as devidas tratativas trabalhistas entre os Engenheiros e a Direção da Companhia Siderúrgica Nacional. Isso se deu há 58 anos, em 28 de junho de 1965.

Uma longa história construída com muita dedicação nas ações que levam ao cumprimento da sua missão em representar, defender e orientar os profissionais nas áreas das Engenharias e Arquitetura nas questões de caráter profissional e trabalhista. Mais ainda: auxiliar a sociedade nas questões de Engenharia e Arquitetura, contribuindo sempre para o aprimoramento e desenvolvimento das instituições legais voltadas para o crescimento do ser humano.

O Senge-VR atua com vigor, desde sua fundação, na defesa e valorização das carreiras dos profissionais representados. É o único Sindicato municipal filiado à FISENGE – Federação Interestadual de Sindicatos de Engenheiros, entidade classista que representa 12 Sindicatos do país. Na Federação, trabalhamos nas Direções de Negociação Coletiva, Executiva e da Mulher.

Com o passar dos anos, com a evolução do processo neoliberal no Brasil e com a introdução de enormes demandas de atuação política nas organizações sindicais, o Senge-VR vem participando de movimentos não apenas sindicais, mas sociais e políticos. Nesses movimentos, vem dando importante contribuição para a reconstrução do país, no rumo de um Brasil equitativo em termos de oportunidades de trabalho, não apenas para os engenheiros e arquitetos, mas para toda a população brasileira.

Desde sua criação, o Senge-VR esteve presente nas lutas políticas do país, tais como “Diretas Já”, na Constituinte, no “Fora Collor”, em diversas greves de trabalhadores, etc., Enfim, sempre lutando pela democracia no país, empenhando-se na construção de um novo projeto para o Brasil, alicerçado na solidariedade, na democracia e no desenvolvimento sustentável.

E ainda, na criação do Projeto de Lei, o PL nº 626/2020: “Engenheiro Sim, Analista Não”, fazendo-se presente nos Conselhos Municipais, nas Câmaras de Engenharias do Crea-RJ, na Comissão Própria de Avaliação - CPA do UniFOA, na Associação de Mulheres Beth Lobo de Volta Redonda, nos Coletivos de Mulheres e de Estudantes, na UNI America Mujeres – Global Union, na Mútua - Caixa de Assistência dos Profissionais do Crea, nas Ações em Conjunto com outras Entidades, dentre outros.

Enfim, uma história que vale a pena ser sempre lembrada, nunca esquecida.

Temos um convite para você: ajude-nos a aprimorar os nossos trabalhos! Venha, participe! Não fique só. Fique sócio(a).

Neide Aparecida dos Santos

Engenheira, diretora e vice-presidente do Senge-VR

EXPEDIENTE

Revista Digital do Coletivo de Mulheres do Sindicato dos Engenheiros de Volta Redonda (Senge-VR)

Email: coletivodemulheressengevr@gmail.com

Edição 02 - Julho de 2022

DIRETORIA

Presidente: Fernando Elias Vieira Jogaib

Vice-presidente: Neide Aparecida Santos

Diretor de Formação: Sandro Rosa Correa

Diretor Suplente de Formação: Éder Jose Siqueira

Diretor de Imprensa e Comunicação: Darker Valério Pamplona

Diretor Suplente de Imprensa e Comunicação:

Antônio Otávio Espíndola

Diretor de Base: Marcus Vinícius de Almeida

Diretor Suplente de Base: Luiz Eduardo Couto

Figueiredo

Diretor de Relações Externas: Fernando Luiz Miterhof

Diretor Suplente de Relações Externas: Nelson Neves Teixeira

Diretor de Administração e Finanças: Sidnei Francisco

Diretor Suplente de Administração e Finanças: Carlos Roberto R. da Silva

Diretor de Tecnologia: Tiago Duarte Amorim

Diretor Suplente de Tecnologia: Lúcia Valéria A. do Nascimento

CONSELHO FISCAL :: TITULARES:

Ademir Geraldo do Nascimento

Antônio Carlos Sarkis Issa

Iveraldo de Oliveira

SUPLENTES:

Antônio Carlos Tavares Cordeiro

Alline Oliveira Gonçalves

Genésio Moreira da Cruz

DELEGADOS REPRESENTANTES

Alexandre Fernandes Habibe

Carla Ferreira do Nascimento

Fabíola de Souza Viana

Sérgio Luiz Taranto de Reis

Coordenação:

Neide Aparecida / Cíntia Moreira

Alline Gonçalves / Lúcia Nascimento

Jornalista: Thaís Soares

Endereço: Rua 21, 48 - Vila Santa Cecília, Volta Redonda/RJ - CEP 27260-280

Telefones: 24 3343-1606 / 98823-8891 (Whatsapp)

DIEESE: CRESCE O NÚMERO DE MULHERES EM TRABALHOS PRECÁRIOS OU POR CONTA PRÓPRIA

“Mulheres no mercado de trabalho brasileiro: velhas desigualdades e mais precarização” é o título do Boletim Especial 8 de Março – Dia da Mulher lançado nesta segunda-feira (7) pelo Departamento Inter-sindical de Estatística e Estudos Socio-econômicos (Dieese). A análise compara os dados relacionados à força de trabalho feminina antes da pandemia (terceiro trimestre de 2019) e em plena crise sanitária (terceiro trimestre de 2021), apontando que a crise foi mais dura para elas – principalmente para as mulheres negras –, no que se refere à taxa de desocupação, queda de rendimento e expansão da ‘pejotização’ e das contratações precárias, do que para os homens.

“A reforma trabalhista já tinha reduzido o rendimento e precarizado o trabalho, sem gerar os empregos prometidos. A pandemia agravou esse quadro”, afirma o boletim. “Verificou-se o crescimento do número de mulheres trabalhadoras por conta própria, as chamadas empreendedoras, que, na verdade, são pessoas que lutam para sobreviver diante de uma realidade de precarização e incertezas. As únicas ocupações femininas que cresceram entre o terceiro trimestre de 2019 e o de 2021 foram as das trabalhadoras por conta própria: 9,4% para não negras e 2,9% para as negras.



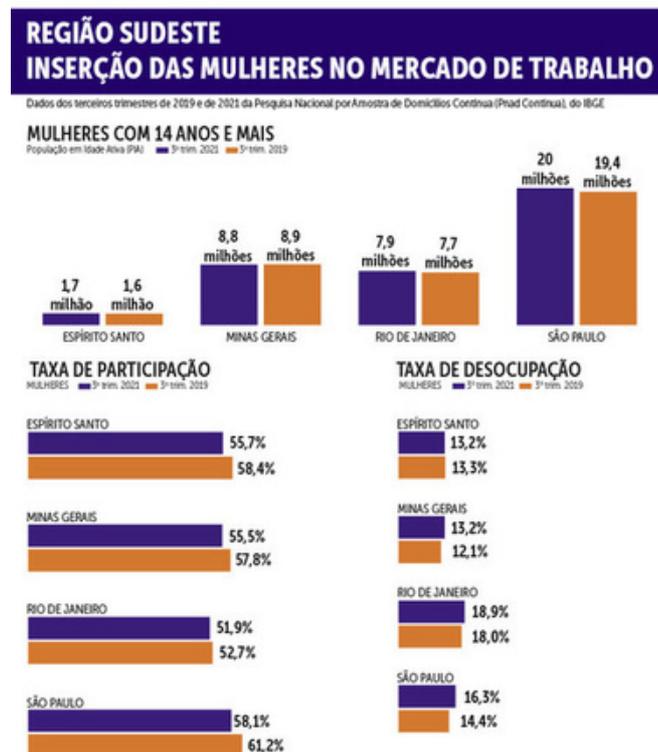
Já o percentual de negras com CNPJ aumentou 36,4% e o de não negras, 27,8%. O total de assalariados do sexo feminino diminuiu no período analisado (-4,7%), bem como o emprego das mulheres no setor público (-3,4%).”

Segundo o boletim, chama a atenção a proporção de mulheres, tanto negras como não negras, que, no terceiro trimestre de 2021, procuravam colocação no mercado de trabalho há mais de um ano: 49,9% e 47,6%, respectivamente. “Ou seja, quase metade das mulheres desempregadas buscava trabalho há mais de um ano, sem encontrar. Esse quadro é reflexo da crise sanitária e da desestruturação do mercado de trabalho pré-pandemia, uma vez que, no terceiro trimestre de 2019, as proporções de mulheres negras (37,5%) e não negras (35,2%) já eram altas. Ainda, em 2021, a proporção de homens que buscava trabalho há mais de um ano foi de 36,1% para os negros e de 41,7% para os não negros.”

Os dados analisados pelo Dieese são da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Continua (PnadC) e apresentam a situação das mulheres em idade ativa – de 14 anos ou mais –, de acordo com a condição de atividade: na força de trabalho (ocupadas e desempregadas) ou fora dela. As informações foram desagregadas por cor ou raça, isto é, para mulheres negras e não negras.

“No terceiro trimestre de 2021, a força de trabalho feminina contava com 1.106 mil mulheres a menos do que no mesmo trimestre de 2019, ou seja, passou de 47.504 mil para 46.398 mil, o que significa que parcela expressiva de trabalhadoras saiu do mercado de trabalho durante a pandemia e ainda não havia retornado em 2021. A redução entre as negras na força de trabalho foi de 925 mil mulheres no período, número superior ao das não negras, correspondente a 189 mil.”

“O contingente de mulheres fora da força de trabalho, isto é, que não buscou ocupação e não trabalhou, entre 2019 e 2021, aumentou em 2.842 mil e passou de 39.553 mil para 42.395 mil. Desse total, 1.710 mil eram não negras e 1.117, negras. O resultado indica o desalento de parcela expressiva de mulheres que antes trabalhavam e agora não acreditam ser possível conseguir nova colocação ou têm receio de voltar ao trabalho por causa da pandemia. Análise específica sobre as ocupadas revela que, em 2021, havia 1.670 mil mulheres a menos trabalhando, o equivalente a 1.211 negras e 466 mil não negras, trabalhadoras que perderam a ocupação na pandemia e não conseguiram nova colocação. Por outro lado, o contingente feminino de desocupadas, ou que buscou colocação no mercado de trabalho em 2021, aumentou em relação a 2019: 564 mil mulheres a mais procuraram uma vaga, das quais 285 mil eram negras e 277 mil não negras. “A redução no contingente feminino na força de trabalho também pode ser observada na taxa de participação. No terceiro trimestre de 2019, a taxa de participação feminina era de 54,6%. No mesmo período de 2021, atingiu 52,3%.



O mesmo se observou entre as negras e não negras. Entre os homens, a taxa de participação foi, em 2021, de 72,2%, ligeiramente menor do que a do mesmo trimestre de 2019 (73,6%).”

“Nos trimestres analisados, a taxa de desocupação feminina aumentou entre 2019 e 2021, de 14,3% para 15,9%. Já a dos homens permaneceu estável. Ficou em 10,0%, em 2019, e em 10,1%, em 2021. A diferença entre as mulheres negras e não negras é visível. As negras sempre encontraram maior dificuldade de inserção, e, em 2021, a taxa de desocupação delas foi de 18,9%, muito superior à das não negras, de 12,5%”.

Não fique só!
seja sócia do Senge-VR

"ELA CANTOU ATÉ O FIM" ELZA SOARES: ÍCONE DA MÚSICA E DA LUTA DAS MULHERES

As mulheres perderam um grande símbolo e luta e resistência. No dia 20 de janeiro, morreu Elza Soares, considerada uma das maiores cantoras da música brasileira, com carreira no samba que começou no final dos anos 50. A cantora tinha 91 anos e sua morte aconteceu de causas naturais, no Rio de Janeiro.

Elza Soares tinha o nome de batismo de Elza Gomes da Conceição, lançou 34 discos ao longo da vida. Filha de uma lavadeira e de um operário, ela foi criada na favela de Água Santa, subúrbio de Engenho de Dentro. Elza cantava, desde criança, com a voz rouca e o ritmo sincopado dos sambistas de morro.

Aos 12 anos, foi obrigada pelo pai a se casar e, aos 13 anos, teve o primeiro filho. Aos 21 anos ficou viúva e já havia perdido dois dos quatro filhos, devido à fome. O sobrenome Soares vem do primeiro casamento. Antes da fama, carregou lata d'água na cabeça, trabalhou de faxineira, de empacotadora e numa fábrica de sabão.

Começou a cantar na década de 1950 e seu primeiro sucesso, *Se acaso você chegasse*, em 1959.



Seu último álbum foi *Planeta Fome*, em 2019, e teve o título inspirado em uma resposta que deu a Ary Barroso durante o concurso *Calouros em Desfile*, da Rádio Tupi, quando ainda era uma anônima.

Ary perguntou a Elza: "De que planeta você veio?". "Do planeta fome", ela respondeu. Elza venceu o show com nota máxima, cantando o samba *Lama*. Quando começou a cantar, Ary Barroso disse que naquele momento nascia uma estrela no Brasil.

Em 2016, a cantora ganhou o Grammy de melhor álbum de música popular brasileira com *A mulher do fim do mundo*. No mesmo ano, o jornal americano *The New York Times* elegeu *A mulher do fim do mundo* como um dos dez melhores do ano, numa lista que inclui nomes como Beyoncé e David Bowie.

Em julho de 2019, numa entrevista à agência de notícias Lusa, Elza Soares assumiu-se "totalmente" feminista, o que, para ela, significa "ter coragem de gritar que se é mulher".

Sobre sua biografia, escrita por Zeca Camargo, a cantora afirmou que o livro "conta a história de uma vida que não era para dar certo": mulher, negra e pobre, mas que deu. "A vida depende de como ela é vivida", resumiu.

Elza nos deixou quando estava produzindo um novo disco e gravou um DVD no Theatro Municipal, em São Paulo, nos dias 17 e 18 de janeiro.



COLETIVO DE MULHERES DA FISENGE DENUNCIA CONTEÚDO QUE INCENTIVA VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA NA CADERNETA DA GESTANTE

O Coletivo de Mulheres da Fisenge (Federação Interestadual de Sindicatos de Engenheiros) repudia o conteúdo disseminado na Caderneta da Gestante, lançada pelo Ministério da Saúde. A publicação ressalta e incentiva práticas de violência obstétrica condenadas pela Organização Mundial da Saúde e pelos movimentos de mulheres. Uma das práticas, considerada extremamente violenta, é a episiotomia, corte feito na vagina durante o parto que é considerado uma mutilação genital.

Além disso, o documento incentiva a amamentação exclusiva como método para prevenir uma nova gravidez nos primeiros seis meses após o parto, ao contrário de todas as evidências científicas sobre a necessidade do uso de contraceptivos.

A caderneta ainda incentiva a realização da manobra de Kristeller que consiste em fortes empurrões e apertos na barriga da gestante feitos com as mãos, braços ou cotovelos durante o parto – que pode causar consequências graves às mulheres e seus bebês. A violência obstétrica atinge, principalmente, uma maioria de mulheres negras e pobres, podendo levar à morte da mulher e seu filho. Este documento institucional representa décadas de retrocesso na luta pelo fim da violência obstétrica. Nós, mulheres, nos queremos vivas.



PRECISA FALAR COM O SENGE-VR?

**O Senge-VR está com
funcionamento de forma
presencial, respeitando
todas as medidas sanitárias.**

**Horário de funcionamento:
das 9h30 às 11h30 e das 13h30 às 17h30**
**Atendimento jurídico:
sextas, das 9h às 12h**

Email

senge-vr@senge-vr.org.br

Telefone

24 98823-8891 / 33431606

De 13h30 às 17h30

www.senge-vr.org.br

fisenge
FEDERAÇÃO INTERESTADUAL DE
SINDICATOS DE ENGENHEIROS

SENGE - VR



@coletivodemulheresvr



@senge_vr



@coletivodemulheresvr



@sengevr

PROJETO PAPO RETO: JOVENS CONTRA A VIOLÊNCIA!



Pensar a prevenção de violências contra crianças, adolescentes e jovens deve ser uma urgência em qualquer circunstância! Toda a sociedade precisa estar ciente de que esta é uma pauta que não se pode deixar pra depois ou passar despercebidos nossos olhos.

Desde o início da pandemia, com o isolamento social no Brasil, o canal de denúncias de violação aos direitos humanos recebeu, até maio de 2021, 25,7 mil denúncias de violência física e 25,6 mil de violência psicológica. Desses números, crianças e adolescentes correspondem a 59,6% das vítimas. Ainda, no contexto pandêmico, sobretudo, adolescentes e jovens passam mais tempo nas redes sociais, estando suscetíveis também ao assédio on-line. Nesse sentido, as meninas são as maiores vítimas, como demonstrado em uma pesquisa da Plan International sobre o tema, onde 77% das meninas e jovens mulheres relataram que já sofreram alguma forma de assédio nas redes.

É de grande importância a implementação

de projetos de prevenção que priorizem uma abordagem sincronizada que envolva meninos, meninas, famílias e os profissionais da rede de proteção, bem como a sociedade em geral.

A Plan International Brasil, em parceria com Ministério Público do Estado de São Paulo, apresenta o projeto Papo Reto: jovens contra a violência, que visa contribuir com o enfrentamento da violência sexual de meninas e meninos nos 39 municípios do Vale do Paraíba e litoral Norte de São Paulo.

Se você conhece algum(a) adolescente na região, compartilhe o link de inscrição do projeto! As oficinas formativas são super dinâmica e interativa, acontecem online e com direito a certificados e sorteio de brindes!

O projeto pretende alcançar com suas ações mais de mil adolescentes e jovens na região e ainda apoiar profissionais da assistência social compartilhando os materiais do projeto e também sensibilizar em torno de 500 mil pessoas através de nossas campanhas.

Convido vocês e assistirem ao vídeo do projeto:
<https://www.youtube.com/watch?v=UQcrjGPnxWs&t=51s> e acessar os materiais didáticos direcionados à adolescentes:
<https://plan.org.br/revista-papo-reto/>
<https://plan.org.br/trilha-de-empoderamento-de-meninas-papo-reto/>

Para mais informações acesse:
<https://plan.org.br/papo-reto/>

Link para inscrição:

<https://forms.office.com/r/pa44tkkpA9>

Isabella Eloy é advogada

CARTA DE UMA ESTUDANTE PARA OS ESTUDANTES

Meu nome é Bárbarah Helen dos Santos, tenho 21 anos, sou estudante do oitavo período de Engenharia no UGB-FERP/VR, trabalho como professora, e tento a vida produzindo conteúdo na internet. Agora que você já me conhece, vou te contar como minha trajetória na engenharia tem sido única e particular, de uma forma diferente do que eu havia imaginado, porém linda. Apesar de sabermos que a engenharia nacional tem passado por desmontes, ainda vejo esperança, é, e sempre foi, o meu sonho atuar na minha área de formação logo após a conclusão da faculdade, entretanto nos dias atuais a engenharia tem passado por dificuldades, várias empresas fechando, o que reduz ainda mais a chance de nós, futuros engenheiros, conquistarmos uma vaga na nossa área, outra dificuldade que não pode ser ignorada é a desvalorização da mulher engenheira e capacitada na construção civil. Diversas empresas optam por contratar homens até mesmo abaixo da qualificação, ao invés de uma mulher mais capacitada, é hipocrisia fingir que isso não acontece até os dias de hoje no mundo.

Mesmo sabendo que a engenharia seria algo defasado, nem de longe eu imaginaria passar por uma pandemia causada por um vírus mortal no meio da minha faculdade, não serei

hipócrita de dizer que isso não atrapalhou, mas sem dúvidas é uma história de superação para contar. Na faculdade, aprendi a superar os limites causados pela distância, fiz amigos que vou levar para o resto da vida, aprendi a trabalhar em equipe, mesmo nos momentos mais difíceis e, com isso, posso dizer que minha trajetória na engenharia não foi comum, foi extraordinária e de forma alguma eu me arrependo de ter entrado na universidade. Muito da minha personalidade foi moldada na engenharia, é um longo caminho mas, sem dúvidas um dos melhores que já percorri.



A mensagem que deixo ao estudante de engenharia é que não desanime, viva cada momento na faculdade, porque como toda a fase, isso vai passar e, sem dúvidas, a saudade vai ficar. Se você está lendo essa carta saiba que torço por você, espero que a faculdade seja tão extraordinária para você quanto está sendo pra mim.

Bárbarah Helen dos Santos
@eibaby_helens

Eugênia - a engenheira



VAMOS JUNTAS À DELEGACIA DA MULHER E DEPOIS FALAR COM A CHEFE DO RH PARA PEDIR LICENÇA REMUNERADA, GARANTIDA PELA CLÁUSULA DO ACORDO COLETIVO AS PESSOAS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA.

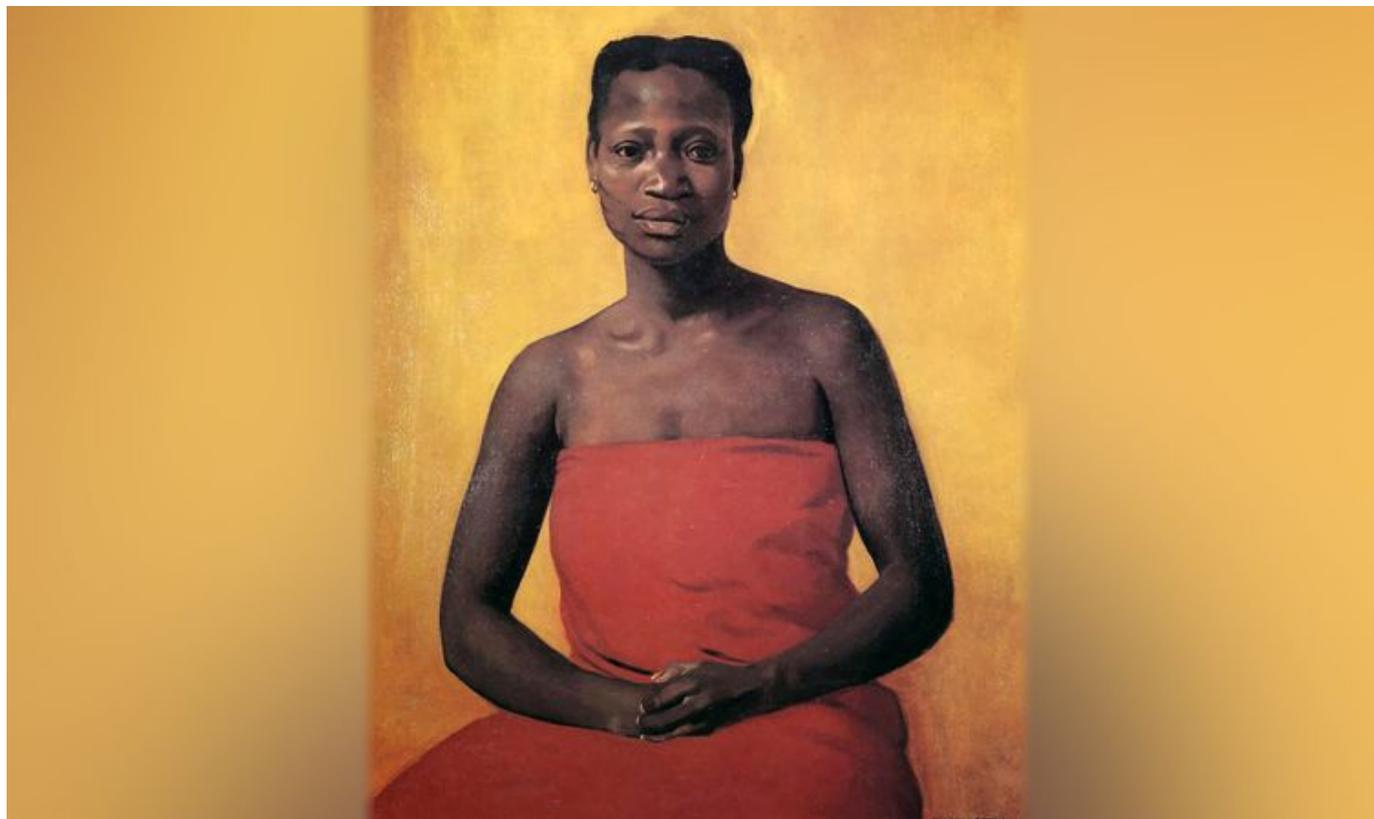


fisenge
FEDERAÇÃO INTERESTADUAL DE
ENGENHEIRAS DE

Coletivo de Mulheres



JULHO CONCENTRA DATAS MARCANTES PARA A LUTA DAS MULHERES NO MUNDO



TEREZA DE BENGUELA: FOTO DA FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES - GOVERNO FEDERAL

Mulheres que entraram para a história foram lembradas nos dias 24 e 25 de julho. O país celebra, nesta segunda-feira (dia 25) o Dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra. No século 18, Tereza de Benguela foi a líder do quilombo de Quariterê, localizado no Mato Grosso, próximo da fronteira com a Bolívia, e virou símbolo da resistência da comunidade negra e indígena que comandava por cerca de duas décadas. A data foi instituída em 2014 para lembrar a história daquela que ficou conhecida como a Rainha Tereza do Pantanal.

O dia 25 de julho também é dedicado, em todo o mundo, às mulheres negras, latinas e caribenhas. Neste dia, há exatamente 30 anos, cerca de 400 mulheres se reuniram em Santo Domingo, na República Dominicana, para debater suas demandas políticas. O encontro foi um marco internacional da luta das mulheres, que reivindicam o combate ao racismo e à violência, além do direito ao bem viver.

Outra heroína celebrada nos próximos dias é a militar baiana Maria Quitéria, nascida em 27 de julho de 1792 - ou seja, há 230 anos. Ela foi a primeira mulher a assentar praça em uma unidade

militar das Forças Armadas, e a primeira combatente pelo país, no ano de 1823. Para se alistar, ela usou o nome do cunhado, ficando conhecida como soldado Medeiros. Mostrou destreza no manejo de armas e disciplina no campo de batalha, o que assegurou sua permanência nas fileiras do Exército quando foi descoberto que ela era, na verdade, uma mulher. Maria Quitéria pegou em armas durante a Guerra da Independência, na Bahia, para expulsar os últimos portugueses do território baiano.

Fonte: Agência Brasil

SENGE-VR DIVULGA

77ª SOEA, DE 04 A 06 DE OUTUBRO, SERÁ PRESENCIAL COM TRANSMISSÃO ON-LINE

TECNOLOGIA, SUSTENTABILIDADE E RESPONSABILIDADE SOCIAL PARA O DESENVOLVIMENTO NACIONAL

INSCREVA-SE

4 A 6 DE OUTUBRO DE 2022
EVENTO HÍBRIDO. GOIÂNIA/GO E PLATAFORMA DIGITAL

77ª SOEA
SEMANA OFICIAL DA ENGENHARIA E DA AGRONOMIA

CONFEA **CREA-GO** **MUTUA** **WED / FMD**

SUSTAINABLE DEVELOPMENT GOALS

A modalidade de inscrição on-line para participar da 77ª Semana Oficial da Engenharia e da Agronomia (Soea) – de 04 a 06 de outubro próximo – será gratuita. Essa foi uma das decisões tomadas na tarde da quinta-feira (24/03), durante a sessão plenária 1.598, do Confea.

A participação presencial em Goiânia (GO) já tem valores e períodos de descontos definidos. A saber:

Período das inscrições pelo site <https://www.soea.org.br> – até sete dias antes da data de abertura do evento.

CONTECC 2022 - CONGRESSO TÉCNICO-CIENTÍFICO DA ENGENHARIA E DA AGRONOMIA

Profissionais, estudantes e professores das áreas da Engenharia, Agronomia e Geociências interessados em participar do ConTECC 2022 podem enviar os trabalhos pelo site <https://conTECC.confEA.org.br> até 15 de agosto de 2022.

Realizado pelo Confea, o Congresso Técnico Científico da Engenharia e da Agronomia neste ano, acontecerá de forma híbrida, durante a 77ª Soea, de 4 a 6 de outubro de 2022. O evento, que está em sua oitava edição, tem a proposta de divulgar trabalhos técnicos e científicos desenvolvidos nas mais diversas instituições brasileiras e nos anais do evento.

Temática: Os assuntos dos trabalhos inscritos deverão abordar as modalidades abrangidas pelo Sistema Confea/Crea: Agrimensura, Agronomia, Civil, Elétrica, Mecânica/Metalurgia, Química, Segurança do Trabalho e Geologia/Minas, que estão descritas na Resolução nº 473, de 2002, do Confea. Poderão ser inscritos, também, trabalhos técnicos que versem sobre Experiência Profissional, Gestão, Educação, Acessibilidade e Sustentabilidade, considerados em um só grupo (Experiência Profissional) para fins de seleção para apresentação na Soea e publicação nas revistas técnicas do Confea, dos Creas, da Mútua, das entidades de classe vinculadas ao Sistema Confea/Crea e nos anais do congresso.

Estudantes, Engenheiras e Professoras, não deixem de participar. Vamos divulgar os nossos trabalhos e juntas fazermos a diferença.